



**HAL**  
open science

## ”Ao encontro de Chiquinho - fragmentos de uma viagem à ilha de São Nicolau”

Teresa-Cristina Duarte-Simoes

### ► To cite this version:

Teresa-Cristina Duarte-Simoes. ”Ao encontro de Chiquinho - fragmentos de uma viagem à ilha de São Nicolau”. 2009. hal-00416451

**HAL Id: hal-00416451**

**<https://hal.science/hal-00416451>**

Preprint submitted on 14 Sep 2009

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

# **AO ENCONTRO DE CHIQUINHO**

**(FRAGMENTOS DE UMA VIAGEM À ILHA DE SÃO NICOLAU)**

**Cristina DUARTE**

**Université de Toulouse-le Mirail**

Desde o momento em que, do avião, surgem as primeiras paisagens da ilha de São Vicente, as palavras de Chiquinho já começam a emergir. São palavras de uma outra época, mas que persistem em participar do tempo presente, legendando cada imagem, respondendo a cada pergunta, participando de todos os diálogos. Torna-se assim impossível descobrir esse país, apreender essas novas paisagens, comunicar com esse povo sem a companhia do menino de São Nicolau. A viagem será, então, um constante ir e vir entre passado e presente, entre romance e realidade. Ela começa ali, em Mindelo, etapa obrigatória para se chegar à ilha de São Nicolau. E é Chiquinho quem conduz...

*O mocinho de S. Vicente contava-nos as bonitezas da sua ilha. Lá tinha tudo. Lojas cheias de coisas lindas. Soldados que faziam exercícios. Estrangeiros que desembarcavam dos vapores, e voltavam para bordo carregados de bolsinhas de sementinha.<sup>1</sup>*

## **Mindelo**

Baltasar Lopes morreu aqui, em 1989. Chiquinho, no exílio a que foi confinado para terminar os estudos, descobriu aqui o amor de Nuninha e a miséria do amigo Parafuso. Lê-se ainda a mesma pobreza nos meninos que vagueiam ao redor da Praça Nova e nas vendedoras da Avenida 5 de Julho. Há muita música também, em quase todos os restaurantes da cidade e, sobretudo, no Festival da Baía das Gatas, o maior evento musical do oeste da África. Uma festa imensa, que dura vários dias. Um público imenso também, acampado à beira-mar, em barracas improvisadas. Crianças urinam, homens dormem cansados da farra, mulheres conversam. Bebidas, churrascos, batuques. E Cesária Évora cantando para os seus.

*Dançam agora "Eclipse", a morna da temporada. Os violinos morrem na doçura da melodia. Os violões batucam o acompanhamento. Sobressaem os cavaquinhos, que fazem um fundo frenético à morna langorosa. Há um saxofone na festa. A melodia parece lubrificada pelo glu-glu oleoso e nostálgico do instrumento. Lela Bentinho é que faz a parte cantante na rabeca.<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> LOPES, Baltasar, *Chiquinho*, Lousã, Editor Alac, 1993, p. 55. Todas as citações do presente artigo foram tiradas dessa mesma edição, da qual conservamos a grafia original.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 177.

Espera do navio para a ilha de São Nicolau. O porto de Mindelo está quase deserto, chegamos adiantados. Dois policiais barram a entrada da sala de espera, mas abrem uma exceção: podemos entrar. Conversa vai, conversa vem, eles na porta e nós no interior, as histórias vão surgindo. O mais jovem gostaria de estudar, Direito disse ele, mas tem que sustentar a mãe e as irmãs. O pai desapareceu na América. Nunca enviou dinheiro, nem carta, nem nada. Quanto a ele, gosta do trabalho, gosta do movimento do porto, de ver partir os navios, mas gostaria de poder, um dia, tomar um deles e ir passear em outras terras. Dividimos com ambos o lanche do almoço: algumas laranjas, pão com queijo e uma goiabada brasileira.

*A civilização que lá passava em desfile, a bordo dos vapores de escala, enchia a alma de todos. Gente branca. Morenos e loiros. Soldados e marinheiros de vapores-de-guerra, apitos trágicos de rebocadores, teatro, cinema, tudo fazia parada em S. Vicente. Mindelo era a estação necessária para o conhecimento mais directo do mundo.<sup>3</sup>*

## **Tarrafal**

Chega-se à ilha de São Nicolau pelo porto de Tarrafal, após quatro ou cinco horas de viagem. Uma viagem musicada com um grupo de estudantes tocando violão e cantando durante toda a travessia. O pequeno ancoradouro de Tarrafal nada tem dos grandes cais, mas é um dos melhores do país: amplo e ao abrigo do vento. Afinal, estamos numa das ilhas de Barlavento...

O porto de Chiquinho não era o mesmo. Na sua época, chegava-se e partia-se de Preguiça, o chamado Porto-Velho, agora fora de uso.

Um grande movimento acompanha a chegada do vapor: gritos, choros, risos, tudo isso misturado com gente, bagagem, trabalhadores, mercadorias,

turistas e mochilas. Os automóveis e caminhões chegam quase que junto do navio, numa grande desorganização simpática e colorida. Os "alugueres", táxis coletivos que levam todo mundo para todo lugar, abordam eventuais fregueses. Familiarizar-se com eles já é dar um passo na compreensão do povo e do país. Aluguer, então, de porto Tarrafal até a Vila da Ribeira Brava; trinta e seis quilômetros em companhia de alguns emigrantes estabelecidos na Holanda, de outros vindos de Luxemburgo e de habitantes da ilha.

O trajeto é típico do país: caminhos de pedra, curvas, precipícios, o mar e, sobretudo, o aluguer lotado, sacudindo, dirigido por mãos experimentadas: "Os nossos condutores são os melhores do mundo", afirma com calma uma passageira cabo-verdeana ao constatar a apreensão dos europeus. Percurso de uma hora, com paradas também bastante peculiares: a entrega de um pacote ali, a de uma carta lá, uma paradinha na casa da madrinha, outra na casa da prima, e assim por diante. Numa dessas etapas familiares, alguns voltam para o aluguer com pacotinhos de milho aliado que oferecem para todos os passageiros. Uma conversa aqui, um sorriso ali, um abraço, um beijo e assim fomos...

*A filha de nhô Chic'Ana oferecia-nos café com milho aliado. Tenho ainda presente o sabor especial do milho da casa de nhô Chic'Ana, torrado em brasa de enganha, misturada com areia, para o milho estalar menos.<sup>4</sup>*

## **Vila da Ribeira Brava**

Cansados dos ataques e saques dos piratas à procura de ouro, os antigos habitantes da ilha abandonaram Porto da Lapa, no litoral, e partiram

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 247.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 32.

em direção do interior, fundando um novo povoamento. Desde 1653 a Vila da Ribeira Brava vive então, tranqüilamente, no fundo de um precipício, rodeada por vales férteis.

*Venho sempre à Vila procurar não sei o quê. Meia hora de caminho, e galgo a fita da estrada da Assomada de Marques e da ladeira da Lapa, toda desenhada em curvas. Esse espectáculo tão repetido é sempre novo para mim. Todas as vezes é com ansiedade que venço os últimos metros que me separam do Rezadouro. De lá vejo a Vila, que se estende de um extremo a outro, com o mar despontando para além das últimas casas da Chãzinha. As hortas ladeando as margens da Ribeira. Manchas de mandiocais, bananeiras, cana-sacarina. Adivinha-se vida humilde e nhanida no fumo que sobe dos fogões das casas pobres da Ladeira. A cachupa que ferve na panela é produto do feixe de palha ou de lenha que a dona-de-sua-menaja foi apanhar para vender.<sup>5</sup>*

Uma vez chegados à Vila - nome local de Ribeira Brava - o aluguer deixa os últimos passageiros no Terreiro, a praça central, não muito longe da Biblioteca Municipal Baltasar Lopes. O povo é curioso e cordial. Gosta de conversar, saber a que vêm os forasteiros, de onde vêm, para onde vão e outras coisas mais. Esse interesse facilita bastante a procura de um alojamento ou de um bom prato de cachupa para o jantar.

## **O Terreiro**

O coração da Vila da Ribeira Brava é a igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída no século XVII, e o Terreiro. Este, que parece ser um lugar pacato à primeira vista, anima-se com o cair da noite. No centro da praça, a estátua do doutor Júlio José Dias, médico generoso que doou sua casa para a

instalação do famoso seminário-liceu. Homem humilde e benquisto pois foi viver numa moradia bem mais modesta, em Cachaço, um dos vilarejos da ilha. Perto do busto ilustre, bancos repletos de homens que conversam até altas horas da noite, enquanto as mulheres, no aconchego dos lares, assistem as diversas telenovelas brasileiras apresentadas por televisões onipresentes.

*Vou algumas vezes ao Terreiro, à noite, e oiço a conversa dos mais velhos. Mas eles não me falam directamente. (...) Que discutem êles, à noite, nos bancos dorminhocos do Terreiro? Não discutem nada. Falam imperceptivelmente, sob a sombra confidente do busto do Dr. Júlio. Baixinho, que as paredes têm ouvidos...<sup>6</sup>*

## **O Seminário**

A fundação do eminente estabelecimento data de 1866, do momento em que a sede diocesana da ilha de Santiago estava em pleno declínio em consequência das visitas assíduas dos piratas. Sempre os piratas. São Nicolau tornou-se dessa forma a capital religiosa do país e com o seminário-liceu, o centro intelectual mais prestigioso da África Ocidental. Esse estabelecimento de ensino, situado na parte alta da cidade, foi determinante para o desenvolvimento intelectual de Cabo Verde e chegou a formar várias gerações, tendo sido uma honra frequentá-lo. Entretanto, o garoto Chiquinho, que estudou lá durante cinco anos, não tinha uma visão otimista disso tudo durante a sua meninice:

*Eu ia para o Seminário como quem vai para a cadeia.<sup>7</sup>*

*(...) Com as aulas no Seminário, era cerceada a minha liberdade. Tinha de ir logo de manhãzinha cedo para a Vila, de onde só podia voltar à tarde, ao*

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 240.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 218-19.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 98.

*lusco-fusco. As obrigações da minha nova vida de estudante liceal traziam-me um sentimento de restrição, como se a Vila fôsse para mim um lugar de degrêdo.*<sup>8</sup>

Anuncia-se, para sábado à noite, uma festa no Seminário. Trata-se de uma ocasião imperdível para turistas advertidos. A partir das sete horas, já se ouve a música e a Vila inteira começa a subir a ladeira, como que atraída pelas mornas e coladeiras. Como é verão, a festa é ao ar livre, num dos terrenos adjacentes ao Seminário. A entrada custa o equivalente de dois euros e ei-nos num enorme espaço em que há mesas, cadeiras e um palco sumário. Comidas variadas são servidas por colegiais alegres e simpáticas: cachupa, pizza, churrasquinhos diversos. E bebe-se tanto a cerveja portuguesa como as bebidas locais: grogues e ponches.

No espetáculo que começa, alternam músicos e cantores. Uma singularidade cabo-verdiana: as pessoas que fazem parte do auditório podem, a qualquer momento, subir ao palco e cantar uma ou várias canções. Não há uma separação rígida e definitiva entre artista e público. Os músicos e cantores que se apresentam são celebridades locais, mas alguns de renome mundial estão presentes nessa noite, como por exemplo o saxofonista Morgadinho, nativo de um dos vilarejos próximos da Vila e que vive fora do país. Um filho da terra que brinda os conterrâneos com todo o seu talento.

Há uma animação sem par nessa festa, da qual participam de forma ativa homens políticos, emigrantes de férias, professores, alunos, comerciantes e trabalhadores. Após os discursos de praxe, jovens da cidade apresentam números de dança e canto. Moços e moças namoram, crianças correm e brincam, faladeiras comentam a vida alheia. Um povo alegre e festivo que se diverte até altas horas da madrugada..

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 97.



*Na primeira mesa os brindes oficiais. (...) Chaleirei tudo, bebendo gostosamente as palavras dos oradores. Na segunda mesa encontrei uma esporinha de galinha. Fui tirar à sorte com Guida qual de nós queria o companheiro mais. À noite baile.*<sup>9</sup>

## **Prainha**

Situa-se a trinta minutos a pé da Vila e o passeio é agradável, por uma estradinha de terra que desce em direção ao mar. A praia é, no entanto, um pouco perigosa, com ondas fortes e correntes traiçoeiras.

Um pequeno festival acontece lá, durante um dos finais de semana do mês de agosto. Desde a tarde, as pessoas descem, em aluguer ou a pé. Um palco rústico foi montado, bem como barraquinhas que vendem comidas e bebidas. O público e os músicos nadam, jogam futebol, comem, bebem, cantam e dançam. De uma forma geral, são as mesmas pessoas que estiveram na festa do Seminário.

Somente os imigrantes chineses, proprietários de muitas lojinhas da cidade, não se misturam ao colorido mestiço dos cabo-verdeanos. Ficam isolados, entre eles, sem dançar nem cantar, contentando-se com um cantinho de mar.

*O Sr. Euclides fazia sempre questão de chegar até onde pudesse enxergar a Praínha direito. Para a esquerda, via-se a mancha branca de uma casinha, mesmo na selada do Boqueirão. O Sr. Euclides tinha mandado construir a casita, que tinha um só quarto e era coberta de palha. Uma janela dando para o mar do Norte.*<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 222.

## **Calejão**

Passeio até Calejão, o vilarejo natal de Chiquinho. Como tínhamos preferido uma pequena trilha à estrada por onde passam carros, o passeio tornou-se complicado a partir de um momento em que a trilha se perdia. Várias horas de caminhada sob um sol forte e a ausência quase total de árvores tornava o sol ainda mais abrasador. Foi um menino que nos ajudou, nos conduzindo pelo caminho, que aliás passava pela sua casa. Um menino pobre, mas sorridente, como são todas as crianças de lá; no pé, surradas sandálias havaianas brasileiras. Passando então pelo quintal de sua casa, conhecemos a mãe e o resto da família, todos sentados nos degraus de uma escada tosca, acolhedores e curiosos. A casinha é de aparência pobre, mas tem flores coloridas ao redor e árvores frutíferas. O pai está na emigração, explica um deles. E todos riem, contentes por termos errado o caminho e passado por lá.

*Como quem ouve uma melodia muito triste, recordo a casinha em que nasci, no Calejão. O destino fez-me conhecer casas bem maiores, casas onde parece que habita constantemente o tumulto, mas nenhuma eu trocaria pela nossa morada coberta de telha francesa e emboçada de cal por fora, que meu avô construiu com dinheiro ganho de-riba da água do mar.<sup>11</sup>*

Já se vê o orfanato de Calejão, agora um prédio abandonado que parece estar caindo aos pedaços. Todas as janelas estão fechadas e as rachaduras são bem visíveis. Parece uma verruga, colocada lá, ou melhor, esquecida, resquício de um outro tempo. "Antes tinha freiras", lembra um habitante nostálgico.

## **Preguiça**

São Nicolau é a ilha mais rural de Cabo Verde: plantações de cana-de-açúcar, mamoeiros, papaieiras e bananeiras. Foi também a ilha que mais sofreu com a fome, que matou milhares de pessoas de forma violenta. Há um contraste interessante entre todo esse passado e o aeroporto de Preguiça, construído no único lugar plano da ilha, entre mar e montanha, como quase tudo por lá. Parece constituir um outro mundo, com os pequenos aviões cuspidos turistas, homens políticos e retornados. No tempo de Chiquinho, não havia isso tudo e sua família tinha vacas paridas no que era, na época, somente um pasto amplo...

*No campo da Preguiça as vacas ajuntavam-se ao pé dos currais onde pernoitaram os filhos, e era um bombar continuado, nostálgico e profundo, que inundava de tristeza meu coração de menino. Já não podia mais ir à boca do curral beber a caneca de leite espumoso.<sup>12</sup>*

O percurso de volta passa por um caminho de pedra abrupto, que parte, decidido, em direção da montanha. Indiscreto, atravessa a intimidade de uma família cheia de mulheres e de meninas. "Vão caminhar em boa companhia!", avança uma delas, uma velhinha simpática. Começamos então a subida em companhia de seu filho. Um homem decidido, de uns quarenta anos, com uma enorme cicatriz numa das faces. Um homem de tal forma inquietante que o turista escaldado já começa a imaginar o assalto inevitável que vai certamente acontecer na primeira curva do caminho. Mas não, o povo desse país, apesar de pobre, substituiu a violência pela gentileza, ou "morabeza", como eles dizem.

O companheiro de viagem retornava à sua casa, no final do domingo. Trabalhador braçal no povoamento vizinho, viúvo, deixa com a mãe, no Calejão,

---

<sup>11</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 98.

a filha de seis anos. E todo domingo, lá vai ele, estrada afora, visitar a genitora e a menina e levar um dinheirinho para ajudar nos gastos da família. A cicatriz? Besteira de gente moça, na época não tinha juízo. Agora tem. E lá vai ele, com uma saúde de ferro, sem arfar nem suar na subida, um pé na frente do outro, numa cadência impossível a ser seguida. Meia hora depois, sua silhueta decidida já estava lá em cima, no topo do monte.

*Quási não senti a íngreme ladeira do Caleijão. Na luz incerta da ante-manhã as casas despertavam lá em baixo. Dos fogões levantava-se o fumo caseiro denunciador do café de pela-manhã. Era um canto humilde e alegre em honra de Totone Menga-Menga, que eu ia visitar. Pitra seguia no seu assobio infatigável de pardal jardinol. Parecia que a mesma alegria inundava todos nós, fazendo mais leve a caminhada. Quando chegámos à Assomada do Cabaçalinho, despontava de-trás o Morro Bissau a enorme bola do sol.<sup>13</sup>*

Uma vez terminada a ascensão, campos e campos se apresentavam agora. Na beira deles, os respectivos camponeses, sentados nas portas: "Boa tarde!, Boa tarde! Tud drett! Tud drett<sup>14</sup>" Um dedo de conversa aqui, outro lá, os homens tirando o chapéu, as mulheres convidando para entrar, vamos chegando até a estrada principal. Passam vários carros e alugueres. Recusamos, agradecendo a amabilidade. A caminhada está boa, a paisagem encantadora e o cansaço ainda não chegou. Continuamos andando, apreciando os campos bem organizadinhos e os dragoeiros, essas árvores consideradas como fósseis e que desapareceram quase que completamente da face da Terra. Com exceção dessas aqui, na ilha de São Nicolau.

Mas, quando chega a fadiga, durante quilômetros, nenhum automóvel passa e já se torna difícil caminhar. Uma pequena parada para recobrar forças e

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>14</sup> "Tudo bem", em crioulo.

conversar com um jovem que vem ao nosso encontro. É emigrante, fala francês e vive na Bélgica. Veste um macacão alaranjado, seu uniforme de marinheiro pois trabalha nos navios. Trata-se aliás de uma velha tradição do país que data de fins do século XVIII, quando baleeiros americanos pararam na ilha de São Nicolau e em outras, levando com eles muitos jovens que tentavam assim escapar do destino triste de fome e miséria que os esperava.

*Ainda marinheiro frêsko, Tói imitava o andar gingado dos velhos marítimos. A galera de nhô José Catina já não balançaria mais nos sonhos de Tói Mulato. Êle agora tinha o seu navio, um navio de verdade, que podia acariciar, sentindo o mar fugir debaixo da quilha nervosa.*<sup>15</sup>

Numa grande linha reta do caminho passa uma camionete branca. No interior dela, duas freiras que nos dão carona. Subimos na carroceria limpinha e lá fomos nós, pelas curvas e precipícios, sacudidos pelos solavancos, mas podendo enfim descansar, guiados pelas mãos divinas da freirinha.

### **Monte Cintinha**

— *No tempo do Dr. Júlio apareceram pateados na terra. Eram encantados que tinham pacto com aquele-homem. Em noites de luar desembarcavam na Prainha, de galeras que ninguém podia ver, vindos de ilhas que ficam muito longe, no meio do mar. Passavam pela Vila em cavalgadas ruidosas, com grande cantarola, mas nenhum filho-de-parida tinha ânimo de abrir a porta para espiar. Subiam a ladeira do Cachaço e dirigiam-se à Cintinha. Referia o povo que chegavam à rocha da Cintinha e diziam:*

— *Sésamo, abre-te!*

*Abria-se a rocha e lá dentro era uma boniteza de endoidecer. Um grande palácio, armado de ricas mobílias. Mesas cobertas das toalhas mais finas.*

*Comidas da melhor qualidade. Luzes por todos os cantos. Músicas que levantavam a alma da criatura, tão bonitas como as da Igreja, no Sábado-Santo, depois da Aleluia.*<sup>16</sup>

Fomos nos afastando lentamente da Vila, em direção do bairro do Campinho. É por lá que se sobe ao Monte Cintinha. Uma vez mais, a ascensão é rude. Ao cabo de um momento, descanso bem merecido numa venda à beira da estrada. Conhecemos ali o sorvete de tamarindo vendido em saquinhos de plástico. Foi presente do dono do bar: era para os turistas experimentarem. Efetuamos uma boa parte do que restava da ascensão em companhia de algumas crianças que encontramos pelo caminho. Carregam objetos diversos: uma cadeira, baldes de plástico, um banquinho. Mudança, dizem eles, com os pés firmes na estrada e nas sandálias havaianas brasileiras já sem côr de tanto uso. Vão alegres, falantes e com muito mais segurança nas pedras escorregadias do caminho do que nós, com os nossos sapatos cheios de tecnologia.

### **Ribeira da Prata**

*Ribeira da Prata! Não esqueço o seu encanto penetrante, que vem não se sabe de onde. A povoação disseminada pela ribeira, com as casas perdidas no meio do canavial. A sua gente de voz cantante. E o mar, sempre na boca da ribeira, a envolver-nos o coração de uma mortalha verde de esperanças. (...) A água corre todo o ano na ribeira, e a terra vermelha se cobre, na parte alta das encostas, do tapete raso dos batatais e das barbas-de-bode. Não encontrei feiticeiras; mas ficou-me para sempre depositado no fundo da alma o respeito pelo mistério da Rocha-Escrevida, em que há letras inscritas pelos piratas, quando desembarcavam aos tiros na praia agreste, atraídos pelo verde dos canaviais. Os povos fugiam para as rochas. Mas o vale cantava de tiros*

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 245.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 38.

*estalando, penedos rolando dos picos na defesa da casinha que ficou lá em baixo.*<sup>17</sup>

Atravessamos o povoamento de Ribeira da Prata e começamos a subir a montanha, em direção das nuvens, pois naquele dia o tempo estava coberto. Como Chiquinho, tínhamos ouvido falar na estranha pedra com inscrições e nas feiticeiras; se a primeira é fácil de encontrar, as segundas não são assim tão visíveis. Talvez se escondessem atrás de sorrisos cordiais e curiosos...

A ascensão é difícil, embora compensada pela paisagem esplendorosa. Em todas as encostas, uma ferrenha atividade humana carpindo, arrancando, plantando. Espalhadas por todos os lugares, as casinhas dos camponeses, pequeninas, humildes e simples. No meio do caminho de pedra, o gado, refestelado, descansando e quase obrigando os forasteiros a pedirem licença para passar.

Várias horas depois, numa das curvas da estradinha, surge uma senhora alegre e falante, apesar de estar com um braço na tipóia. A comunicação entre nós é difícil pois ela, como a maioria dos camponeses das montanhas caboverdeanas, exprime-se somente em crioulo. Gesticula, mostrando o braço. Tinha caído na véspera na frente da casa e o membro, provavelmente torcido, estava a tal ponto inchado que a aliança feria o seu dedo. Ribeira da Prata, de onde vínhamos, estava há mais de quatro horas dali. Oferecemos algumas aspirinas que ela agradeceu, feliz. Mas continuou gesticulando e, dessa vez, apontando a casa, que ficava um pouco mais embaixo, e repetindo com insistência uma palavra que acabou tomando sentido: "mulinha!". Resolvemos acompanhá-la e ela nos mostrou, com efeito, uma mula pequenina, de alguns dias apenas, cheia de graça e de esperteza, e nos pediu para dar um nome ao animal. Apesar da barreira linguística, entendia-se que havia algo de ritual nisso tudo, e que, pelo gesto da nomeação, íamos nos tornar, de certa forma, os padrinhos da mula. O

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 57.

nome foi então dado: "Brasil", nome que a camponesa repetia para poder aprender, sem ter a mínima idéia do que essa palavra pudesse significar. E ela esperava também, na sua miséria intensa, o presente da afilhada. Recebeu alguns escudos, bem como uma parte do lanche que levávamos.

Contente, ela nos convidou para entrar na sua casa, queria nos apresentar o marido. Entramos. A casinha era pobre, um só cômodo, tudo junto: sala, cozinha, quarto. Num canto da sala, uma cama na qual se encontrava um homem deitado. Era o marido, doente. No outro canto, um fogão de lenha com um montinho de grão de milho. E no centro, uma mesa sobre a qual havia retratos. Ela mostrou o do casamento deles e os outros, que pareciam ser dos filhos e netos. Estão distantes, entende-se pelo gesto, mas ela não soube dizer onde.

### **Praia Branca**

*Meu tio Joca era uma espécie de filósofo que vivia lá para a Praia Branca, com uma lojinha. De tempos a tempos, aparecia-nos ele no Caleijão com uma barba de meter-menino-medo. Assim que chegava, sentava-se à porta da casa e pedia logo um seca-suor. Mamãe-Velha brigava sempre:*

*— Joca, quando é que deixas êsse vício da bebida?<sup>18</sup>*

Chegamos a Praia Branca de aluguer, tendo feito a viagem em companhia de três mascates do continente: um senegalês, um nigeriano e um guineense. Três línguas para uma mesma miséria: ganhavam a vida vendendo miudezas nessa região bastante rural e pobre. Nós nos separamos na entrada de Praia Branca, ao lado da fonte: fomos em direção do mar, enquanto eles se dirigiram ao centro do vilarejo.

As longas horas de caminhada não foram recompensadas, pois a praia estava repleta de lixo e o mar não é nada amigo nas costas desse lado da ilha. Voltamos tranquilamente pelo caminho, em direção de Praia Branca e fomos



ultrapassados por quatro vacas que, sozinhas, iam na mesma direção e pareciam conhecer muito bem o caminho. Chegando ao vilarejo, todas as pessoas se encontravam ao redor da fonte pois estava chegando a hora da abertura da mesma. Visto o grande problema de seca que há em todo o país, esses locais de fornecimento da água são fechados com cadeados e abertos somente em determinados momentos do dia por funcionários do governo. E como ia ser a hora da distribuição, o povo já estava lá, com baldes e garrações, esperando. E lá estavam também as quatro vacas, aguardando pacientemente a hora da água, como todas as pessoas.

Vamos até o centro da cidadezinha para tomar algo numa das vendas. É um gesto cotidiano que permite estabelecer o contato com os habitantes, abrir o diálogo, conhecer as histórias do lugar. Em uma das ruas, encontramos o mascate senegalês em pleno trabalho, com a mala aberta no meio da rua de terra, mulheres ao redor, discutindo o preço das toalhas de mesa, dos chinelos, das pulseiras e dos colares.

Parada para repouso, então, numa pequena venda, instalada no térreo de um desses palácios de vários andares construídos pelos emigrados. Fruto de anos a fio de trabalho, ali e acolá. Todas as férias a colocar tijolos e a construir os muros. Um dinheirinho extra e eis duas janelas, um trabalhinho noturno e eis as portas; não tirar férias e guardar dinheiro para construir os quartos; um aumento providencial fornece as telhas. São palácios enormes, destinados a abrigar várias gerações. São templos de um estilo duvidoso, erigidos a ferro e a sangue.

O homem vende de tudo: doces, salgados, bebidas, sabonetes, conservas, bacias de plástico, queijos, camisetas e martelos. Conversa vai, conversa vem, pois nada se faz sem conversa, chega lá uma menina de uns sete anos, descalça, com uma garrafa vazia que o vendeiro começa a encher com um líquido escuro, quase contrariado. Vinho? Não, ponche, uma das bebidas nacionais, grogue com mel. Ela paga com moedinhas e vai embora. O pai é bêbado conhecido, faz parte

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 40.

dos que não foram, dos que não se enriqueceram, dos que não construíram. O casebre? Uma sujeira que não vimos.

### **Fragatona**

Após uma manhã inteira de caminhada, descanso no banco de pedra de uma escola fechada. Férias, pois estamos no início de agosto. A casinha possui somente uma porta e duas janelas. Olhamos indiscretamente através delas e descobrimos a sala de aula vazia, com seus bancos e carteiras. O quadro negro sem nada, alguns livros. Na porta está pregado um documento oficial, em linguagem oficial, que explica os trâmites necessários para que as crianças possam ser admitidas na escola. Pensei nas quatro horas de caminhada que nos separavam da ribeira lá embaixo. Pensei também em todas as casinhas espalhadas pela montanha, bem longe dali. E também em toda aquela população rural falando exclusivamente crioulo e tendo que entender o papel oficial, redigido em português. Mas, para a felicidade de todos, a comunicação aqui é oral, tudo passa pelas palavras, quase nada pela escrita.

*Chegou a minha nomeação para professor de pôsto-de-ensino. Fui colocado no Morro Braz, lá para cascos de rolha. Nhô António Benvinda deu-me informações do sítio:*

*— Terra onde Nossenhora se esqueceu de passar, Chiquinho...*

*Só havia algumas casas. A população escolar vinha toda dos povoados de Norte-a-Baixo, quilómetros e mais quilómetros a fazer e a desfazer todos os dias. Lá só mar e rochas. A terra era árida e eriçada de colinas.*<sup>19</sup>

### **Ribeira Funda**

Chega-se lá no final de um longo dia de andança. Desde o alto da montanha já se avista aquela ribeira bonita lá embaixo: casinhas de pedra cinza e de teto de

palha, aglomeradas quase que umas sobre as outras. Diante delas, o mar, ondas enormes batendo nos rochedos. Vamos nos aproximando, o povoamento é grande, há ruas, mas as moradias estão quase todas fechadas, algumas delas até mesmo em ruínas. Ninguém aparece. Ribeira Funda é um vilarejo abandonado. Um galo surge detrás de uma casa. Um galo e nada mais. Como pode viver esse galo lá, sozinho? Quem o alimenta? E por que os moradores de Ribeira Funda abandonaram o lugar? Seca? Fome? Doença? Emigração? Tantas interrogações e nenhum habitante para nos contar a história dessa ribeira... Uma sensação de inquietude e opressão surge desse vazio.

— *Da parte de Deus, quem sois?*

*Bibia soltou uma gargalhada longa, que lhe botou a cabeça para trás. Nhô João autoritário:*

— *Em nome de Deus Nossenhô Jesus Cristo, que veio à terra para nos remir e salvar, ordeno-te que me digas quem és!(...)*

— *Concentrem-se e rezem duas Avè-Marias e dois Padre-Nossos pelo descanso das almas penadas...*<sup>20</sup>

### **Estância de Brás**

Vimos andando pelo caminho que acompanha o mar, ziguezagueando de forma abrupta quando os montes se interpunham. Estância de Brás era a última etapa e, cansados, pedíamos o conforto de um aluguer que iríamos tomar lá. Havia uma animação muito grande no vilarejo e na primeira venda soubemos que tinha morrido uma grande personalidade local e que o enterro ia sair dentro de pouco tempo. Com efeito, os homens esperavam na venda, bebendo e conversando, contando histórias, como sempre. As mulheres, mais recatadas, preferiam esperar nos arredores da casa do falecido. Inútil procurar táxis

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 260.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 92.

disponíveis pois todos iam acompanhar o féretro. Vimos a saída deste, no momento exato em que passávamos. O caixão foi posto na carroceria de uma camionete; carpideiras tradicionais sentaram-se ao redor dele, inundando tudo de choro e tristeza, num quadro pungente. O cortejo organizou-se em seguida: um carro atrás do outro, e as pessoas entrando. E lá foi-se então o finado, acompanhado por mais de vinte automóveis, através das estradinhas da região, para a sua última morada...

*Seguia o enterro de nhô Chic'Ana. Lá estava em baixo, alvejando de paredes caiadas, o cemitério da Tabuga. E o corpo de nhô Chic'Ana ia balançando docemente aos ombros dos crioulos. Era um crioulo que ia a enterrar. Os crioulos iam dar terra a um irmão. Amanhã outros irmãos lhes iriam dar cova. Ao menos, debaixo da terra sente-se a chuva a todo o momento que ela vier.<sup>21</sup>*

## **Tarrafal**

Tentamos partir num primeiro navio, mas não foi possível. A companhia tinha encerrado a venda de passagens alguns dias antes de chegarmos ao porto. O cais e o vapor estavam lotados e só embarcaram naquela noite os que tinham comprado os bilhetes com antecedência. Não era o nosso caso e ficamos, literalmente, a ver navios. São Nicolau e Chiquinho nos seguraram um pouco mais e só pudemos partir da ilha quatro dias depois.

*Já noite fechada, estávamos nas refregas da Ponta da Vermelharia. Senti os primeiros sinais do enjôo. O homem de leme observava atentamente as vibrações da vela grande sobre as refregas. S. Nicolau ia ficando uma sombra confusa a estibordo.(...)*

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 288.

*No dia seguinte, não havendo calma no Tarrafal, montaríamos o Ilhéu do Boi. Depois abria-se o mar largo. Com rumo de nornoroeste, a proa era a América.*<sup>22</sup>

E aí então Chiquinho nos deixou.

Ficou um vazio enorme depois dessa convivência intensa; e uma certa melancolia, que nos acompanhou de volta a Mindelo e em seguida, até o aeroporto internacional de Sal.

Mas restou a convicção profunda de ter conhecido o Cabo-Verde de Chiquinho, a tristeza e a resignação de seu povo, bem como sua gentileza e alegria. Nada vimos daquele outro país em que há praias semeadas de hotéis de luxo com suas piscinas e espetáculos folclóricos para turistas.

Pudessem todos ter Chiquinho enquanto guia...

### **Resumo**

Uma viagem a Cabo-Verde influenciada pelo romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes, em que se articula constantemente passado e presente. Percorre-se a ilha de São Nicolau, lugar em que o autor situou o livro e as palavras deste influenciam sem cessar a descoberta do país.

### **Palavras-chave**

Cabo-Verde, Baltasar Lopes, *Chiquinho*, ilha de São Nicolau, Mindelo.

---

<sup>22</sup> Ibidem, pp. 298-299.

## Résumé

Un voyage aux îles du Cap-Vert sous l'influence du roman *Chiquinho* de Baltasar Lopes. Une articulation constante entre le passé et le présent. Errance à travers l'île de São Nicolau où l'auteur a situé le livre; celui-ci intervient sans cesse dans la découverte du pays.

31894 caractères

